

ABC, 13 DE OUTUBRO DE 2018

TRIBUNA APERTA

IGREJA E SOCIEDADE: DIANTE DE UMA MESMA ENCRUZILHADA

POR JULIÁN CARRÓN

«Os valores que sustentavam a nossa construção comum enfraqueceram-se. A Igreja e a sociedade têm o mesmo problema.»

«O mundo está fora de si. São muitos os que acreditam nisto. Vagamos sem meta, confusos, discutindo a favor ou contra isto e aquilo. Mas em todas as latitudes, e para além de todos os antagonismos, a maioria das pessoas concorda em uma coisa: “Não entendo mais este mundo”». Assim se expressava o sociólogo alemão Ulrich Beck (falecido em 2015) em sua obra póstuma *A metamorfose do mundo*. Durante um tempo, teve-se a impressão de que a mudança radical do Ocidente, especialmente nos últimos anos, afetava unicamente a Igreja e seus valores: tratava-se da chamada «secularização». Já há alguns anos é inquestionável que o colapso das evidências afeta a sociedade toda. O solo sobre o qual construímos a nossa civilização parece afundar sob nossos pés. Talvez hoje pareça mais fácil compreender que as exigências que compartilhamos, e que hoje já não são tais, tenham nascido no terreno fértil do cristianismo. Uma vez descartado o acontecimento cristão enquanto fundamento da nossa convivência, o tempo foi mostrando que os valores que sustentavam a nossa construção comum enfraqueceram-se. A Igreja e a sociedade têm o mesmo problema. Por onde começar?

Esta pergunta desafia-nos a todos. É uma das perguntas que quis abordar no meu livro *Dov'è Dio? La fede cristiana al tempo della grande incertezza* (Onde está Deus? A fé cristã no tempo da grande incerteza) (ed. italiana Piemme; ed. espanhola Encuentro). Todos sabemos que o mundo mudou de tal maneira que as soluções do passado já não são necessariamente válidas para responder às situações de hoje. Nas minhas viagens pelo mundo, tive a ocasião de conhecer várias pessoas (de religiões e culturas diferentes) que buscam interlocutores com os quais possam confrontar suas perguntas e inquietudes em relação ao futuro, e que se perguntam por onde começar. A situação em que nos encontramos pode ser uma grande oportunidade, como nos lembra Hannah Arendt: «Uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos».

Qual pode ser a contribuição do cristianismo? Antes de tudo, pode favorecer o surgimento de espaços de liberdade onde se possam compartilhar diferentes experiências de vida. Pouco tempo atrás, um político de esquerda disse-nos: «Vou fazer de tudo para que vocês possam continuar existindo, sendo como são diferentes, porque este é o único lugar onde me sinto querido». E um terrorista arrependido pediu-nos: «Deixem-me ficar com vocês, porque pela primeira vez na minha vida se abriu para mim a possibilidade do Mistério». O que é que viram esses dois não crentes para desejarem ficar com os cristãos?

A possibilidade que os cristãos têm de contribuir de maneira original para sair da confusão está ligada ao testemunho da fé em sua verdadeira natureza. Não há dia em que o Papa Francisco não nos lembre isso com seus gestos e suas palavras; por isso cita com frequência uma frase de seu predecessor: «Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo» (Bento XVI).

O cristianismo não é, antes de tudo, uma moral ou uma doutrina, mas um acontecimento de vida, a experiência de uma humanidade nova encontrada nas circunstâncias ordinárias. Na sociedade «líquida», justamente neste mundo que muitos não entendem, existem pessoas cuja vida suscita uma estranha curiosidade, até o ponto de fascinar e provocar um interesse novo por algo que parecia uma relíquia do passado, algo inútil para a vida: a fé.

Infelizmente, muitos encontram ou continuam encontrando um cristianismo reduzido a um conjunto de proibições ou de ideias abstratas. A quem pode interessar, se não adianta para enfrentarmos «a vida que quebra as pernas» (C. Pavese)? Por isso, quando encontram pessoas que encarnam a fé em suas circunstâncias quotidianas, quando veem que ela é pertinente às exigências da vida, é aí que experimentam sua força de atração.

Assim, o que eram formas vazias enche-se de vida, e os valores voltam a ser reais e concretos, algo do qual se pode viver. Volta a acontecer o cristianismo, como quando as pessoas encontravam Jesus pelas ruas da Galileia. Por que é que essas pessoas acreditavam? «Acreditaram por causa daquilo que Cristo era. Acreditaram por causa de uma presença [...] com um rosto bem preciso, uma presença carregada de palavra, ou seja, carregada de proposta, [...] carregada de significado» (L. Giussani).

Sem o encontro com aquela «presença», imprevista e imprevisível, o cristianismo não poderia ter alcançado a vida das pessoas. E não poderia ter atravessado os séculos até chegar a nós se não tivessem existido homens e mulheres que o testemunharam como uma presença real, visível e tangível. Por isso o cristão olha para o futuro cheio de esperança, com um olhar novo que nenhuma confusão nem nenhum poder poderiam ofuscar.

JULIÁN CARRÓN É PRESIDENTE DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO